



— Distrito de Bragança
■ Concelho de Vinhais



■ Freguesia de Ousilhão



Vista geral de Ousilhão



Rua em Ousilhão

ENQUADRAMENTO SÓCIO DEMOGRÁFICO

A aldeia de Ousilhão encontra-se no planalto do Concelho de Vinhais. Apresenta actualmente uma densidade populacional na ordem dos 125 habitantes residentes, sendo caracterizada pelo fenómeno demográfico geral da região, uma população cada vez mais envelhecida. As actividades económicas com maior relevância são a agricultura e a pecuária, ambas limitadas à auto-subsistência e distribuídas num sistema de pequenos e médios proprietários.

CALENDÁRIO FESTIVO

A Festa dos Rapazes de Ousilhão decorre nos dias de Natal e de Santo Estêvão (26 de Dezembro) contudo, o ciclo festivo tem início a 1 de Novembro, dia de Todos os Santos, no qual os rapazes vão à procura da lenha no carro de bois para sua arrematação posterior. Desta forma consegue-se o dinheiro para cobrir as despesas da festa.

DESCRIÇÃO

No dia 25 de Dezembro fazem a primeira ronda pela aldeia, com peditório para o menino Jesus. Os moços, acompanhados pela gaita-de-foles, os bombos e os *máscaras*, dão as boas festas, comem e bebem em cada uma das casas, e só quando acabam a ronda a todas as casas da aldeia, é que o povo se pode reunir na galhofa da noite. “ (...) Para o dia 25 começa a festa do Natal. Vestem-se quatro moços enfeitados com uns chapéus, umas castanholas e uns lenços pelos ombros (...) “. No dia a seguir, a ronda repete-se, mas desta vez o peditório reverte para os próprios rapazes. “ (...) Para o outro dia, o 26, começa novamente a mesma volta e aí é que é pedir para o Santo Estêvão que é a Festa dos Rapazes, e então fazem a mesma volta começam logo cedo (...) até mais ou menos ao meio-dia (...) ”.

Depois celebra-se a missa de Santo Estêvão e seguidamente sentam-se na Mesa em honra ao mesmo Santo. Esta é presidida por uma cabeceira onde têm lugar os reis velhos e os novos, o presidente da Junta de Freguesia e o Padre. A outra parte da mesa é dedicada ao povo, e é composta por pão e vinho. “ (...) a mesa comunitária é uma mesa assim comprida, aqui na ponta pomos três pratos (...) e esta é só, tem copos de vinho e pão, um pão que é dado pelo povo que vai ser na hora da missa vai ser benzido (...) então nesta mesa existe a parte dos reis e a parte do povo que é para definir o que antigamente eram os ricos e os pobres (...) a figura que fica na cabeceira é o excelentíssimo padre (...) ele é que dá de comer aos reis, aos novos e aos velhos (...) depois há ali um minuto de silêncio e vai-se benzer a mesa. O padre levanta-se, o povo que está em volta, tudo se cala e tudo benze a mesa (...) ”.

Uma vez finalizada a passagem de coroas, a mesa é arrematada, e os novos reis são acompanhados até ao bairro ao qual pertencem juntamente com os *máscaras* e o gaiteiro. O dia de Santo Estêvão termina com a galhofa de participação popular. “ (...) ao fim da cerimónia o padre coroa os reis novos (...) os *máscaras* estão de volta porque não tem a ver nada com a parte religiosa, tem que estar distanciados, só quando rei dá ordem para vir é que os *máscaras* vêm (...) manter a ordem para não deixar aos reis, eles é que são os defensores dos reis (...). Depois desta cerimónia há ali outro minuto de silêncio que é, vai-se arrematar a mesa de Santo Estêvão (...) parte que é dos reis não é arrematada, só a parte que é do povo (...) vai a leilão (...) arremata-se e esse dinheiro fica a favor do Santo Estêvão (...) após isso, o 26 acabou, galhofa até às tantas da manhã, gaita-de-foles, brincar e isso tudo é a tradição que temos aqui (...) ”.

CATÁLOGO DE ELEMENTOS

Mordomia; ronda com peditório; refeições comunitárias com mesa-de-cabeceira; galhofa; missa; personagens mascaradas: os *máscaras*.

ASPECTOS ACTUAIS NO PANORAMA FESTIVO

Alguns dos elementos que têm sido introduzidos nos últimos anos, como a aceitação da participação feminina na representação dos *máscaras* ou o abandono da divisão bairrista da celebração festiva, explicam-se pela necessidade de adaptar estas festas à situação populacional da perda de gente nova que dificulta a antiga segmentação social da sua organização. “ (...) isto vai continuar enquanto houver pessoal, mas cada vez temos menos (...) isto é a Festa dos Rapazes e então é os moços tem que ser rapazes novos e é os *máscaras* (...) antigamente só se vestiam homens, as raparigas não e agora já são raparigas e rapazes, é totalmente já diferente do que quando eu conheci a festa (...) é uma tradição que acho que se devia conservar mas a falta de população é um dos grandes factores... (...) ”.

HIPERLIGAÇÕES | www.vinhais.com.pt/paginas/ousilhao/a-aldeia.php

FONTES ORAIS | Carlos Vaz, 60 anos, Ousilhão.